ENVIO MISSIONÁRIO

CULTURA DO CUIDADO

AMBIENTAÇÃO *símbolos ou palavras que expressam 'cuidado'*

1 - ACOLHIDA

Animadora (o): Contemplando o ambiente onde estamos reunidas/os, vamos **orar** juntas/os; **confirmar** em nós ações de cuidado que sejam transformadoras e consigam acabar com o tráfico de pessoas. Sejamos embaixadoras/es da **esperança** para quem sofreu e sofre esses abusos. **Escutar** as/os defensoras/es das/os sobreviventes para apoiar suas vozes. **Agir** em prol da justiça para as **"Santas Bakhitas"** de hoje, por sua liberdade e libertação. Renovar nosso compromisso de promover a **dignidade de cada pessoa** como resposta às palavras de Jesus: **"Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância"** (João 10,10).

Eu vim para que todos tenham vida Coral Palestrina | Ir. Custódia Maria Cardoso

Ref.: Eu vim para que todos tenham vida. Que todos tenham vida plenamente. 1. Reconstrói a tua vida em comunhão com teu Senhor / Reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão / Onde está o teu irmão, eu estou presente nele. **2.** Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males / Hoje és minha presença junto a todo sofredor / Onde sofre o teu irmão, eu estou sofrendo nele. **3.** Quem comer o pão da vida viverá eternamente / Tenho pena deste povo que não tem o que comer / Onde está um irmão com fome, eu estou com fome nele. **4.** Entreguei a minha vida pela salvação de todos /Reconstrói, protege a vida de indefesos e inocentes. / Onde morre teu irmão, eu estou morrendo nele.

Animador/a: Vamos nos sentar em atitude contemplativa, abertas/os à escuta da Palavra, deixando que as atitudes de cuidado de Jesus, ao longo de sua caminhada, penetrem em nossos corações. Após cada escuta, faremos uma pausa de silêncio.



L1 - Jesus entrou de novo na sinagoga, onde estava um homem com a mão seca. Havia aí algumas pessoas espiando, para verem se Jesus ia curá-lo em dia de sábado, e assim poderem acusá-lo. Jesus disse ao homem da mão seca: "Levante-se e fique no meio" Depois perguntou aos outros: "O que é que a Lei permite no sábado: fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou matá-la?" Mas eles não disseram nada. Jesus então olhou ao seu redor, cheio de ira e tristeza, porque eles eram duros de coração. Depois disse ao homem: "Estenda a mão" O homem estendeu a mão e ela ficou boa. Logo depois, os fariseus saíram da sinagoga e, junto com alguns do partido de Herodes, faziam um plano para matar Jesus. (Mc 3,1-6).

Todas e todos: ***Fica no meio .... Estenda a mão .... Ficou curado.***



L2 - Uma mulher que sofria de hemorragia já há doze anos ... A mulher tinha ouvido falar de Jesus. Então ela foi no meio da multidão, aproximou-se de Jesus por trás e tocou na roupa dele, porque pensava: "Ainda que eu toque só na roupa dele, ficarei curada" ... E a mulher sentiu no corpo que estava curada da doença. Jesus percebeu imediatamente que uma força tinha saído dele. Virou-se no meio da multidão e perguntou: "Quem foi que tocou na minha roupa?" Os discípulos disseram: "Estás vendo a multidão que te aperta e ainda perguntas: 'quem me tocou'?" Mas Jesus ficou olhando em volta para ver quem tinha feito aquilo. A mulher, cheia de medo e tremendo, percebeu o que lhe havia acontecido. Então foi, caiu aos pés de Jesus e contou toda a verdade. Jesus disse à mulher: "Minha filha, tua fé ti curou você. Vá em paz e fique curada do te flagelo" (Mc 5,25-34).

Todas e todos: Minha filha, tua fé te curou você. Vá em paz e fique curada dessa doença.

L3 - Ao amanhecer, ele voltou ao Templo, e todo o povo ia ao seu encontro .... Chegaram os doutores da Lei e os fariseus trazendo uma mulher, que tinha sido pega cometendo adultério. Eles colocaram a mulher no meio e disseram a Jesus: “Mestre, essa mulher foi pega em flagrante cometendo adultério. A Lei de Moisés manda que mulheres desse tipo devem ser apedrejadas. E tu, o que dizes? ” .... Então Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo .... Então Jesus se levantou e disse: “Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra” .... E Jesus ficou sozinho. Ora, a mulher continuava ali no meio. Jesus então se levantou e perguntou: “Mulher, onde estão os outros? Ninguém condenou você?” 11 Ela respondeu: “Ninguém, Senhor” Então Jesus disse: “Eu também não a condeno. Pode ir, e não peques mais” (João 8,1-11) **Todas e todos: Eu também não a condeno. Pode ir, e não peques mais.**



CANTO: Oh! Luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós.

2 - A PALAVRA NOS ALIMENTA

Evangelho Marcos 5,35-42

“Jesus ainda estava falando, quando chegaram algumas pessoas da casa do chefe da sinagoga e disseram a Jairo: “Sua filha morreu. Por que você ainda incomoda o Mestre?” Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: “Não tenha medo; apenas tenha fé!” E Jesus não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João. Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a confusão e ouviu as pessoas chorando e gritando. Jesus entrou e disse: “Por que essa confusão e esse choro? A criança não morreu. Ela está apenas dormindo” As pessoas começaram a zombar dele. Mas Jesus mandou que todos saíssem, menos o pai e a mãe da menina, e os três discípulos que o acompanhavam. Depois entraram no quarto onde a menina estava. Jesus pegou a menina pela mão e disse: “Talita cúmi”, que quer dizer: “Menina, - eu lhe digo - levante-se!” A menina levantou-se imediatamente e começou a andar, pois já tinha doze anos. E todos ficaram muito admirados. Jesus recomendou com insistência que ninguém ficasse sabendo disso. E mandou dar comida para a menina.”

CANTO: Oh! Luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós.

3 - ILUMINAÇÃO

Animador ou animadora, observe as seguintes indicações

1. *Criar um clima de reflexão por meio de um exercício de respiração consciente.*
2. *Em silêncio, convidar cada pessoa a escolher uma das personagens evangélicas que acompanhamos nas leituras. (Pausa de silêncio.)*
3. *Colocar-se no lugar da personagem e dialogar com ela, perguntando: Qual era seu sofrimento? Que atitude de cuidado Jesus teve com ela? Como sua vida foi transformada? (Pausa de silêncio.)*
4. *Dar um nome à atitude de cuidado que Jesus teve com essa pessoa. (Pausa de silêncio.)*
5. *Que atitude posso assumir para cultivar em mim a Cultura do Cuidado? (Pausa de silêncio.)*
6. *Partilhar a reflexão realizada.*
7. *Que caminhos essas atitudes apontam para cultivar a Cultura do Cuidado na Rede Um Grito pela Vida?*
8. *Se o grupo desejar, escolher uma atitude concreta de cuidado a ser vivenciada coletivamente.*
9. *Formar um círculo, de mãos dadas, como expressão do compromisso assumido.*
10. *Concluir com as orações do Pai-Nosso e da Ave-Maria.*
11. *Concluir com a Oração de Santa Josefina Bakita (colocar a mesma oração do mês passado)*

Canto: Hino da Rede Um Grito pela Vida (Ir. Miria Kolling)

1.Eu quero uma vida feliz, como Deus sempre quis: Nele tenho a raiz! Eu quero uma vida de amor, onde Deus é maior que o mal e a dor. Sou jovem, criança, mulher, nasci livre pra ter dignidade e vencer... Meu sonho – suponho - Tem rosto, tristonho a sorrir! ***Ref.: Um grito pela vida tão sofrida quero ouvir! Milhares de outras vozes solidárias vão se unir! Não mais o trabalho escravo, não mais a exploração!... No grito, a dor e o pranto do canto-libertação!*** 2. Eu quero em família viver, como gente crescer, respeitado o meu ser! Eu quero um povo irmão, que partilhe o pão, plante vida no chão! Sou filho amado de Deus, já na terra nasceu o meu reino do céu: Respeito é feito dos mesmos direitos em nós! **Ref.:** Eu quero a ajuda de quem deve servir ao bem, com o olhar sempre além... Eu quero ao sol um lugar, para o novo acordar, com esperança no olhar. Sou pobre, mas tenho valor, busco um mundo melhor, sem escravo e senhor. Agora é hora de ir mundo afora e gritar...

Aconteceu com Jesus. Foi tão significativo na vida dos seus discípul@s que ficou gravado. Depois de sua morte começaram a contá-lo. E quando, @s que haviam participado do evento começaram a morrer, quiseram escrevê-lo para nunca perder a memória. Aí envia luz até nós hoje.

Entrar nas personagens

Tem duas histórias entrelaçadas: a história de Jairo, chefe da sinagoga, a história de uma mulher anônima, doente, uma doença feia, que a excluía, perdia sangue.

Jairo: chefe da sinagoga, ao seu redor uma grande multidão. Personagem importante: é pessoa de destaque, é pessoa oficial. Tem servos, família, uma filhinha doente. Pede a cura da filhinha para Jesus.

Jesus com seus discípulos, se deixa envolver pelo pedido, pela multidão. Ao seu redor se forma um cortejo que vai, em direção à casa de Jairo, para dar a cura à filhinha dele.

A Mulher doente, não é presente na cena anterior, na cena oficial. Não tem nome, não tem ninguém por ela, parente nenhum que pede a cura. Ela irrompe quase a passo de dança. A sua é uma irrupção não verbal. Não é mais a linguagem da palavra, da fala, mas a linguagem dos corpos, das coisas.

A adolescente à beira da morte, para o pai é ainda menina. Talvez a doença dela é anorexia, quer se deixar morrer.

Que tal fazermos um exercício? Entrar na pele das personagens: o que sentiram, o que viveram, como reagiram... quais os sentimentos de Jairo quando viu e presenciou a mulher interromper a ida de Jesus à sua casa? E Jesus? Os discípulos? A multidão era curiosa, queria presenciar um milagre? E a mulher? E a filha de Jairo?

O inédito irrompe na história oficial

A mulher com sua linguagem não verbal, nos leva a pensar. Pensar ao grito da diversidade que fez irrupção não somente no misterioso entrelaçar da mulher e do homem, mas das nossas vidas, das etnias, dos povos, das raças, das culturas, das religiões. Ela nos leva a refletir sobre a linguagem alternativa, que pede reconhecimento. Linguagem que pertence àquelas categorias que a globalização e a sociedade burguesa deixam à margem da história: homossexuais, detentos, prostitutas, índios, negros, jovens, traficadas...

O grito, a linguagem da mulher brota da realidade, uma realidade diferente: cotidiano, humanidade, criação, mulher, homem, sol, terra, lua, ar. Isso nos pede percorrer de novo as rotas que a história oficial não reconheceu e nos reencontrar com o inédito da história.

Sabemos que a linguagem histórica oficial foi, e ainda é lenta, apática, violenta no reconhecimento do inédito (num certo sentido o tráfico é algo que deve passar sob silencio...). Multiplicou atitudes, parâmetros, regras que não reconhecem o alternativo e inédito, portanto tudo o que fala do diferente. Somos testemunhas disso: guerras de religião, étnicas, ideológicas, foram feitas em nome do culto da verdade, da unidade, da ética.

Nosso continente ameríndio é marcado, como também outros povos e a própria terra, está marcada pela imponente linguagem oficial, enquanto o inédito sobrevive num misterioso jogo de energias vitais, dos que fazem a história narrando-a, na oralidade e não na escrita, em livros, em textos. Livros, história escrita a partir dos considerados “vencedores”. História construída pelos heróis, onde o cotidiano não entra, pois não tem valor.

As histórias inéditas, as narrações dos fatos cotidianos, nos levam a perceber, que não há somente o caminho da linguagem racional verbalizada, da experiência escrita, mas há o caminho da linguagem inexprimível dos gestos, dos sonhos, dos ritos; a linguagem da natureza, dos corpos, das coisas: perfume, terra, alimentos, incenso...

Ver a narração mais de perto.

“Ele o acompanhou e numerosa multidão o seguia, apertando-o de todos os lados” Mc 5,24. Percebemos um movimento forte e seguro: Jesus é arrastado, parece que não há como ir contramaré.

É nesta marcha, que tem sabor de oficialidade, que faz irrupção em passo de dança, leve e inesperada, alguém que não estava na cena anterior. Irrupção, com a leveza da dança, que passa desapercebida, pela multidão, pelos discípulos, até por Jesus, sempre tão atento. Não é uma irrupção verbal, mas de presença. Não grita, não fala, mas entra com o corpo. Sua linguagem nada mais é que a do corpo e sua história, de uma longa e sofrida história.

O passo com a leveza da dança, é alternativo ao compassado e grave passo da oficialidade; alternativo ao seguro, rotineiro passo da maioria, dos que tem poder. Esta mulher, que a necessidade, a dor torna ousada, antes mesmo que o toque aconteça, interrompe o que marcava sua vida como estigma: a hemorragia. Mas seu passo de dança interrompe também o curso normal da história editada e oficial.

Por que a história, a linguagem, desta mulher acontecida dentro da história oficial é inédita? É sua própria situação de doença que a torna diferente, inédita. Ela carrega algo que a mentalidade oficial de perfeição não pode contemplar. Ela sofria de hemorragia, perdia sangue e isso pela religião oficial era impureza. Impureza, castigo divino para quem sabe qual culpa. Doença que a colocava à margem do espaço oficial, do cânon ético, do mundo religioso e social do seu povo. Impureza que marcava seu corpo inteiro, marcava tudo e todos a quem "*tocava*". Vida na clandestinidade pois não podia tocar, ser tocada, pois era proibido aos impuros se aproximar.

História absolutamente inédita, desconhecida, escondida. Para mentalidade comum, oficial, da multidão, de Jairo, dos discípulos, de Jesus não pode fazer história, deve ser deixada de lado, sobretudo não pode ser aproximada.

A mulher fala uma linguagem fora do comum, pouco verbal. É um diálogo incomum: é o corpo, são os gestos, as coisas, o sangue a pedir a palavra. As realidades do cotidiano, inédito por uma pessoa impura: *"conseguirei tocar sua roupa?"* A roupa, que diálogo com o corpo "...e logo estancou a hemorragia... E Jesus disse quem me tocou? " O corpo sente, não é como a fria racionalidade. O corpo de Jesus percebe, agora! A racionalidade não sente, a oficialidade pergunta *"Está vendo a multidão que te comprime e perguntas..."*.

Estamos diante de uma outra economia. Economia como organização da casa que parte da diferença, do inédito. Pedagogia que não segue o cânon comum ao qual somos acostumadas. A Boa Notícia irrompe nasce do clamor embutido nesta linguagem: do sangue, do gemido somente percebido por Jesus, enquanto a racionalidade, como quaisquer lei humana, dos costumes, da sociedade, da religião permanecem mudas, não falam, não escutam, não sentem, não reconhecem.

Marcos assinale quanto este caminho é difícil no meio da multidão que segue, e que até por um momento cativa Jesus, um fluxo totalmente estranho há sensibilidade da mulher. Ela age movida de profundo medo: a multidão espreme, empurra, aperta, é uma barreira entre ela e Jesus. Se alguém a reconhecer, perceber sua doença a denunciaria, gritaria ao escândalo? Mas apesar de se saber impura quer aproximar-se, quer tocar e toma iniciativa sem pedir permissão. E quando seu corpo sente que o contato aconteceu, que sua irrupção foi apercebida, aí a mulher sente ainda mais medo.

A narração termina com um canto *"Contou-lhe toda a verdade!*". É a canção da diferença, Jesus a sente, se volta, procura quem cantou. A mulher canta sua libertação, seu corpo abre novo caminho, sai dançando carregando em seus ouvidos *"Vai em paz!"*.

Nos movemos numa história aonde a diferença tem seu espaço ameaçado, violentado. Este caminho, esta história, é assinalada pelas instituições, ideologia, códigos de comportamento, de julgamento que sistematizam segundo estereótipos, e estes não reconhecem a diferença.

A mulher sai dançando e cantando, conquistou a saúde, teve de volta sua vida.

Jesus continua seu caminho à casa de Jairo. No encontro com a mulher apreendeu um novo passo de dança, sua sensibilidade afinou, foi tocado e apreendeu a tocar.

Não querer dançar

No entanto a filhinha morreu. Tem uma ligação entre as duas mulheres: 12 anos de doença, 12 anos a jovem. As duas negadas em seu ser mulher, uma pela doença outra pela morte.

Morreu ou se deixou morrer? Deixou de comer, anorexia. Negou-se a dançar ao ritmo o passo da casa patriarcal. 12 anos a idade da entrada na vida social, do casamento. Jairo, o pai continua a chama-la de filhinha, tratá-la como menor.

Jesus que aprendeu e foi curado pelo toque, toca. O encontro com o corpo da mulher, o torna sensível ao corpo desta jovem. Toca, ordena de levantar-se, manda comer. Toque que ressuscita, que devolve a vida.

Nada sabemos da jovem, de seu pai Jairo, mas ousamos pensar que que este novo ritmo de dança transforma a casa patriarcal de Jairo, ensaio de transformação da sociedade patriarcal.

Reflexão pessoal

A linguagem do inédito nos desafia. A diferença existe em nós e fora de nós. O que chamamos de diferente, de inédito é o que não é escutado, olhado, contemplado, acolhido, cuidado. Inédito que não é somente uma categoria social, mas linguagem que revela uma cosmovisão, filosofia, sabedoria; que reconhece como sujeitos históricos os que são à margem, excluído, silenciados pela história oficial. A diversidade coloca medo nos egocêntricos, pois eles são acostumados a se considerar o centro de tudo.

A linguagem de gênero é um caminho difícil pois o inclusivo não é somente exterioridade mas expressa uma mentalidade interior, pois acolhe as expressões de vida, as categorias de pessoas que a oficialidade julga “sem valor” e “sem sentido” e por isso nãos os reconhece.

A história oficial é um ato racional separado do sentir, tocar, cuidar, contemplar: o “pensa-se sentindo” não entra nas suas categorias, pois a história pensada é feita de cronologia, heróis, guerras, regras, tratados, acordos guiados pelos cálculos, pela racionalidade. A história não è feita de poesia, pois a poesia é sentir; não é feita de sonhos, pois estes nascem nas vísceras, no útero do sentir apalpar, cuidar: eles afloram quando a racionalidade dorme; é feita do “público” a esfera das virtudes e ações varonis, não é feita do “privado”, da casa pois esta é o espaço da mulher, do cotidiano, dos corpos, do cuidado.

TALITHA KUM
END HUMAN TRAFFICKING

CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

Elaboração: Irmã Tea Frigerio, mmx

REDE UM GRITO PELA VIDA

Acesse o nosso site
redeumgritopelavida.crbnacional.org.br
redeumgritopelavida